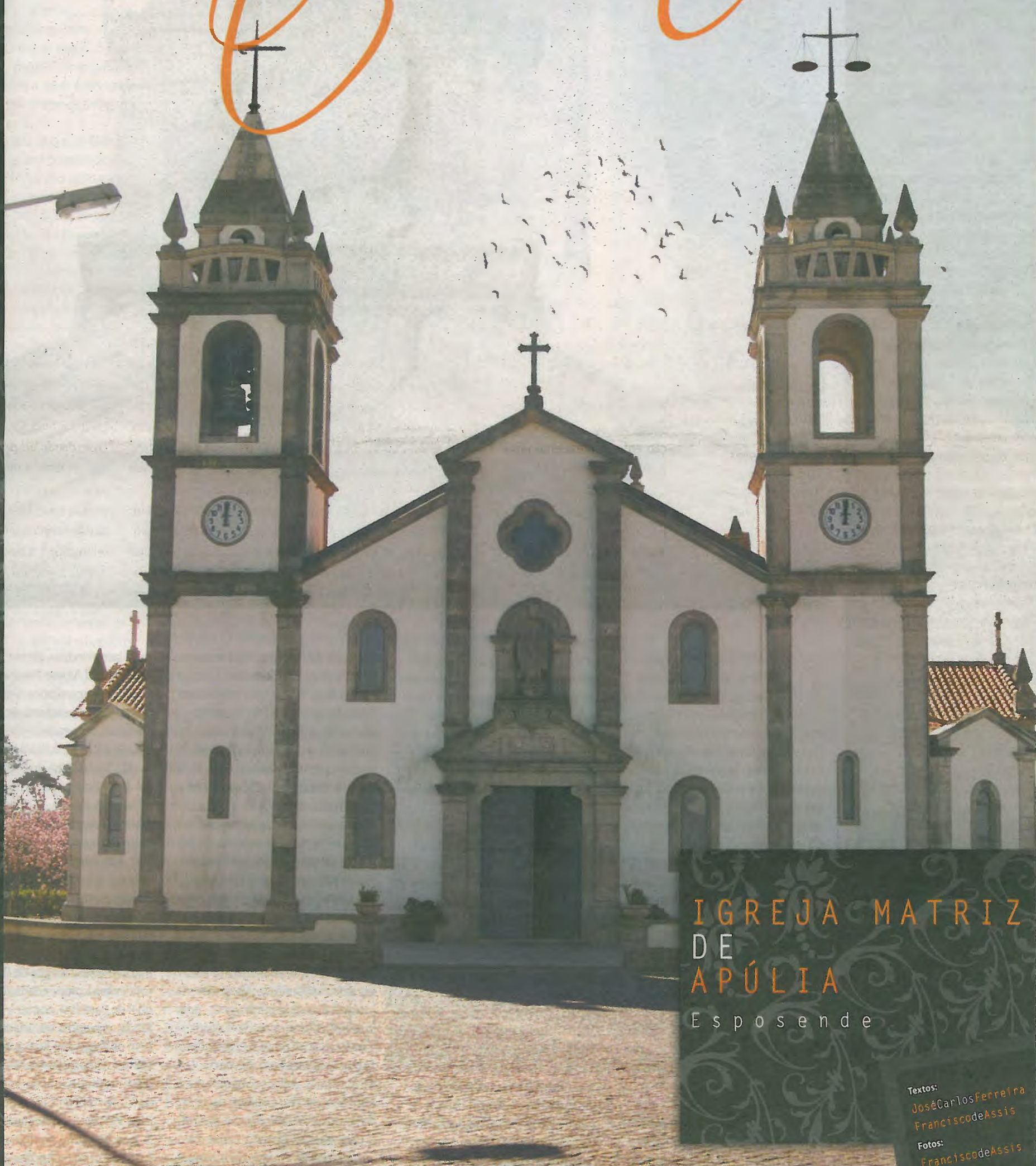


29 DE FEVEREIRO DE 2008
Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 28060 de 29 de Fevereiro de 2008, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

Património



IGREJA MATRIZ
DE
APÚLIA
Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

O suplemento "Património" está, de novo, em Apúlia, freguesia onde já esteve para tratar a "Senhora do Amparo" e o "Facho e Capela da Senhora da Bonança". Hoje, a nossa atenção está centrada na igreja paroquial, de aspecto basilical, dedicada a S. Miguel Arcanjo. O edifício em si é novo, mas a história é antiga. Por outro lado, o facto de ser uma igreja nova não quer dizer que não tenha riqueza artística e patrimonial. Bem pelo contrário. Acreditamos que estamos perante uma igreja riquíssima a todos os títulos, além da sua extraordinária funcionalidade. A matriz de Apúlia pode mesmo ser um caso de estudo, um exemplo para as novas igrejas, um espaço de catequese para todos, uma permanente exposição litúrgica. «Porque foi feita com a bíblia nas mãos», como refere o padre Casado, pároco da freguesia. Ao ler este suplemento, o leitor vai perceber a grande riqueza litúrgica de cada uma das obras de arte. Das alianças do Antigo ao Novo Testamento, passando pelos grandes mistérios e dogmas da Igreja. É, efectivamente, um local a visitar para rezar, mas também de aprendizagem, desde que acompanhado por um bom cicerone, porque é um templo catequético. Mas não é só a vida religiosa que está retratada nos painéis de qualidade, também as actividades mais representativas da freguesia. A igreja tem a chancela de Luís Cunha, simplesmente, o arquitecto que já fez mais igrejas em Portugal. Também serão historiadas as diferentes igrejas de Apúlia, desde a Idade Média até ao século XX.

Primeira igreja paroquial de Apúlia deverá ter sido um templo românico



> A antiguidade da paróquia de Apúlia está patente no orago S. Miguel

Os historiadores são de opinião que, devido à antiguidade da freguesia de Apúlia, o primeiro templo desta paróquia deveria ser de estilo arquitectónico românico, ficando, contudo por saber, quando é que ele terá sido construído. Segundo a tradição, esta igreja estava situada na Agra dos Mouros, restando hoje apenas o cruzeiro. É de realçar que, segundo o investigador Franquelim Neiva Soares, a designação oficial mais antiga desta paróquia nem seria a actual, ou seja, Apúlia, mas sim Paredes. Numa conferência proferida a 26 de Janeiro de 1992, publicada depois em 1993 sob o título "Origens da Freguesia de Apúlia", Franquelim Neiva Soares salienta o facto de não aparecer o topónimo Apúlia, ou dos seus equivalentes Pulha e Pulia, na principal e mais antiga documentação dos séculos XI e XII sobre as paróquias, como são o "Censual de Entre Lima e Ave" e o "Liber Fidei". Na sua opinião, «a interpretação correcta do topónimo deve-se ao P. Doutor Avelino de Jesus da Costa», «na sua brilhante e original tese de doutoramento "O Bispo S. Pedro e a Organização da Diocese de Braga».

É nesta obra que, na organização administrativa eclesiástica da região intitulada "Inter Ave et Catavo de Ribulo Covo usque in mare", surge "De Sancto Michael de Paredes", «ou seja, a actual freguesia de Apúlia, a qual então pertencia na íntegra à Sé de Braga», afirma Franquelim Neiva Soares.

Assim, na opinião deste historiador, esta paróquia «possuiria, naturalmente, um modesto templo românico de granito, com capela-mor e nave única, com pequenas frestas e uma ou duas portas, não dotado de sacristia e, provavelmente, com pequena sineira no frontispício ou sobre uma das paredes laterais da capela-mor».

«Exteriormente, teria uma cachorrada, como se nota ainda hoje na igreja paroquial das Marinhas. Templo simples, pobre e pequeno para a sua pouca mas dinâmica e corajosa população, não sendo, portanto, abobadada de granito, ao contrário do que acontecia nas regiões ricas da França e semelhantes», acrescenta.

Orago demonstra antiguidade da paróquia

Para o historiador Manuel Albino Penteadado Neiva, a antiguidade da

paróquia de Apúlia está patente no próprio orago da freguesia. Na sua obra "Apúlia na História e na Tradição", o investigador sustenta que «o Arcanjo S. Miguel é, sem dúvida, uma das dedicações mais antigas que se conhecem e significa, em si, a própria antiguidade da freguesia e sua igreja».

«Refira-se que, como salientou Franquelim Neiva Soares, Apúlia e a sua igreja, pelo menos até finais do século XII, teve sempre a designação de Paredes, passando, posteriormente, a sobrepor-se-lhe a designação de Apúlia. Esta mudança poderá ter que ver com o assoreamento progressivo que ao longo dos séculos se fez sentir nas terras onde teria assento a igreja primitiva que, como já antes o dissemos, teria feições românicas», acrescenta o historiador. Segundo explica, um dos documentos mais antigos a referir esta terra data de 28 de Janeiro de 1078, tratando-se de uma doação de Froila Crescones ao Bispo D. Pedro e à Sé de Braga de metade de S. Miguel, fundada na terra da "Villa de Paredes". «Nesta época o Bispo D. Pedro estava a realizar a grande obra da construção da Sé de Braga e, por isso, todos os rendimentos doados

eram bem-vindos», afirma.

Para Manuel Albino Penteadado Neiva, existem «pergaminhos régios» que «atestam a importância de Apúlia medieval, nomeadamente um, datado de 24 de Julho de 1110, no qual D. Teresa, filha de D. Afonso VI, Rei de Castela e Leão, e seu marido o Conde D. Henrique, doam a Fromarigo Guterres uma propriedade perto de Paredes». Mas, este não foi o único documento que a mãe de D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, assinou para Apúlia. «A 24 de Agosto de 1115 fez doação à Santa Maria de Braga, ao Arcebispo D. Maurício Burdino e aos clérigos de Braga aí residentes a propriedade de S. Miguel de Paredes», conta. Ainda segundo o historiador, também os Papas, em Roma, legislaram sobre esta paróquia, sendo prova disso mesmo «o documento, datado de 11 de Abril de 1115, em que o Papa Pascoal II, na sua residência de S. João de Latrão, confirma à Sé de Braga o Couto de Apúlia» e, «mais tarde, a 8 de Setembro de 1148, um novo Papa, Eugénio III, assina em Bréscia um documento confirmando, de novo, à Sé de Braga o Couto de Paredes».

Ruína da igreja românica levou à construção de novo templo

No século XVII, a igreja paroquial de Apúlia, quase sem qualquer tipo de dúvidas, de estilo românico, encontrava-se em avançado estado de ruína, o que terá levado as gentes desta freguesia a construir um templo totalmente novo.

No seu livro "Apúlia na História e na Tradição", o historiador Manuel Albino Penteadado Neiva sustenta que, «em 1610, na altura do Crisma, o seu estado [da igreja românica de Apúlia] era muito mau». Contudo, acrescenta o autor, «essa ruína tornou-se mais acentuada aí pelos anos de 1680». Segundo o historiador, «perante esse estado físico do seu templo, os apulienses resolveram edificar uma outra aí por 1696».

Mas, antes de se lançarem nesta grande tarefa, a verdade é que as gentes de Apúlia tiveram a preocupação de dotar o seu templo com Sacrário e Confraria do Santíssimo Sacramento, tendo efectuado o pedido para que tal acontecesse a 29 de Junho de 1694. «Para isso, através de escritura pública, comprometeram-se a doar bens pessoais para sustento desse Sacrário. Entre vários fundadores, e como exemplo, poderemos referir João Manuel Trancoso, Francisco Gonçalves Lima e, curiosamente, o estudante Manuel Gonçalves que encabeça o movimento de instituição do Sacrário», afirma o historiador.

Tal como já foi referido, é em 1696 que é resolvida a construção da nova igreja. Pelo que se depreende da escrita de Teotónio da Fonseca, no livro "Espozende e o seu Concelho", não foi um restauro nem um reaproveitamento, mas sim uma construção nova. «A igreja matriz desta freguesia foi reformada à fundamentis entre 1696 a 1700», afirma o investigador.

Assim, complementa Manuel Albino Penteadado Neiva, «em 7 de Fevereiro de 1702 a titularidade da igreja é entregue ao padre José de Barros de Carvalho, Mestre Cerimónias do Arcebispado de Braga, sucedendo ao Prior Francisco Leite». Fazendo fé no trabalho de Teotónio da Fonseca, é de acreditar que o novo pároco deverá ter já tomado posse da nova igreja de Apúlia, embora ainda não totalmente acabada.

«Em 19 de Agosto de 1707, os moradores de Paredes pediram aos dignatários da Sé de Braga para que lhes fosse autorizada a venda de vinho naquele lugar, comprometendo-se a pagar três mil reis em cada ano, "para a obra da Capela Maior da igreja do dito couto"».

A igreja em 1734

Segundo Manuel Albino Penteadado



> No Centro Paroquial de Apúlia está guardada uma fotografia da igreja que começou a ser construída em 1696



> A igreja de Apúlia em 1758 não tinha confrarias

Neiva, em 1734 foram benzidos na igreja de Apúlia o altar-mor, onde estava colocado o Santíssimo Sacramento, e mais quatro altares, ou seja o de Santo António e S. Sebastião, o de Nossa Senhora do Rosário, o de Jesus, Maria e José, e o do Senhor Crucificado.

Nas "Memórias Paroquiais de 1758", transcritas no livro "As Freguesias dos Distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758 - A construção do imaginário minhoto setecentista", da autoria de José Viriato Capela, o pároco de então descreve estes mesmos altares, acrescentando que a igreja da "freguesia de Sam Miguel do Couto de Apúlia" «não tem irmandade alguma, nem naves». Manuel Albino Penteadado Neiva afirma que «esta pauperidade é comprovada através de uma petição da Confraria do Subsino, dirigida ao Arcebispo de Braga, com data de 3 de Outubro de 1784, na qual pediram

para que fossem feitas obras na sua igreja e que lhes fosse autorizado o lançamento de uma finta para obtenção do dinheiro suficiente para as obras». «Esta petição foi atendida e foi-lhes passada uma Provisão para que pudessem efectuar as respectivas obras, nomeadamente, "... fazer de novo um campanário para o sino", cujo custo rondaria os 205 mil reis», acrescenta.

Ainda segundo o historiador, em 1845, a igreja paroquial de Apúlia estava de novo arruinada, «embora o Santíssimo estivesse num Sacrário decente e possuísse os paramentos necessários».

«O visitador dessa altura registou que os apulienses deveriam, o mais rápido possível, reformar a respectiva tribuna. Refira-se que em 1838 já tinha sido instituída a Irmandade das Almas, pois nos registos de óbitos aparece, com frequência, o acompanhamento do cadáver com



> Altar de S. José

a "cruz paroquial e a Irmandade das Almas", conta o historiador. Uma das últimas descrições deste templo é feita por Teotónio da Fonseca em 1936. Segundo refere, o templo tinha dois coros, um ao lado, onde estava o órgão, e outro ao

centro. Os tectos eram em castanho pintado e o da capela mor em estuque. No interior do templo existiam duas sepulturas rasas, com tampas em mármore, e a igreja tinha duas sacristias, sendo uma delas da Confraria do Rosário.

NA COMEMORAÇÃO DAS BODAS DE OURO FOI ASSINADA A SUA SENTENÇA DE "MORTE"

Igreja inaugurada em 1945 durou apenas meio século

No início dos anos 30 do século XX, os fiéis de Apúlia já ansiavam por um novo templo, uma vez que o existente, além de fracas condições, era manifestamente insuficiente para a freguesia. Porventura, o último retrato da igreja foi tirado por Teotónio da Fonseca, transcrito no livro "Espozende e o seu concelho", publicado em 1936, precisamente ano do início das obras da nova igreja.

De facto, o templo anterior ao actual teve início em 1936, e foi inaugurado no dia 18 de Agosto de 1945. Certamente que os apulenses, assim como todos os amantes da paz, tiveram oportunidade de se congratular com o fim da segunda Guerra Mundial. Aliás, nos nove anos da edificação da igreja, o povo viveu, além dos problemas de uma ditadura cada vez mais apurada em Portugal, os dramas da Guerra Civil de Espanha, iniciada em 1936 e terminada em 1939; ano em que teve início a II dramática Guerra Mundial, 1939-1945. «Em 1936, estando, de novo, a igreja em estado degradado, e sendo pequena, resolveram edificar uma nova, que foi sagrada em 18 de Agosto de 1945, pelo Sr. Arcebispo de Braga, D. António Bento Martins Júnior», lê-se no livro "Apúlia na História e na Tradição", de Manuel Albino Penteadinho Neiva. Segundo o mesmo autor, baseado no jornal "O Espozendense", de 21 de Julho de 1945, o templo foi desenhado por J.M. Viana.

Analisando os aspectos arquitectónicos da igreja, o investigador Carlos Alberto Brochado de Almeida refere que a construção reflectia «o gosto da época pelo revivalismo por certos pormenores, de anteriores estilos, misturando-se um neoclássico sóbrio, por vezes elegante», lê-se no "Estudo do Património Cultural, Arqueológico e Paisagístico, Parte I, volume 5, do Plano Director Municipal (PDM) de Espozende".

Dessa igreja transitou para o actual templo a fachada frontal, com um «nicho de inspiração clássica, no qual está a imagem, em granito, do padroeiro S. Miguel», como explica Penteadinho Neiva. Tinha apenas uma torre sineira e a estrutura construtiva da capela-mor é a mesma, como se pode comprovar por fotografias antigas, expostas no Centro Social da freguesia.

Comemoração e "sentença" para a substituição

Entretanto, passaram-se 50 anos depois de inauguração e a igreja volta a sofrer dos mesmos males, isto é, degradação e, sobretudo, pequena e sem condições para uma comunidade em crescimento. Começou-se a pensar numa intervenção de fundo ou num novo templo. O impulso foi dado pelo prior padre Manuel Alberto Gonçalves da Silva.

Contudo, foi com a chegada do actual pároco, Manuel Casado Neiva que ficou tudo decidido. Foi pensado um projecto ambicioso, da autoria de um dos mais insígnos arquitectos da actualidade, Luís Cunha, aquele que terá construído o maior número de igrejas, sem contar com outros projectos.

Depois da necessária discussão sobre o desenho, não deixa de ser curioso que o projecto tenha sido apresentado publicamente aos apulenses no dia 18 de Agosto de 1995, precisamente no mesmo dia em que se comemoravam as bodas de ouro da sacração da Igreja. Isto é, na festa dos 50 anos, foi assinada a sentença de morte.

Instado a descrever o templo que encontrou em 1991, o padre Casado Neiva explica: «Era uma igreja sem interesse histórico, muito degradada, sem grandes possibilidades de reconstrução. As paredes eram em xisto e barro». Por outro lado, ao estado e condições da igreja, juntou-se uma comunidade totalmente mobilizada



→ Imagem da igreja anterior à actual

e sensibilizada para uma igreja nova. «Porque o meu antecessor, o padre Manuel Alberto, honra lhe seja feita, fez um grande trabalho de sensibilização e até começou os estudos», disse. Infelizmente, faleceu em Janeiro de 1991 e não concretizou o sonho. «Vi que a população estava muito entusiasmada. Fiz uma assembleia paroquial e perguntei se queriam uma igreja nova ou um templo moderno, mas com este estilo antigo. Esta foi a dificuldade porque havia um grupo que queria deitar a antiga abaixo e construir outra com arquitectura moderna; mas a maior parte da população queria este estilo, para preservar aspectos antigos». Até porque, muitos tinham trabalhado na igreja de 1945, tinham visto a inauguração, por isso, havia algum apego.



→ O sacristia também era do antigo templo



→ A igreja actual ganhou dimensão basilical

FIÉIS PARTICIPARAM NAS DECISÕES E ACOMPANHARAM AS OBRAS

Matriz da Apúlia é ampla catequética, bíblica e funcional

Quando um pároco e o seu Conselho Económico, juntamente com o arquitecto, pensam numa igreja, idealizam-na para ser bonita e liturgicamente funcional. A igreja matriz de Apúlia, além destes predicados, é ampla e foi acrescentada uma missão bíblica e catequética. Virtudes que estão espelhadas não só na estrutura construtiva e arquitectónica, mas também em toda a decoração e peças artísticas e devocionais.

O padre Manuel Casado explicou ao *Diário do Minho* a caminhada, as dificuldades, mas sobretudo como foram ultrapassadas para que o resultado fosse, além da sua funcionalidade, uma obra artisticamente apreciável e litúrgica e cristãmente pedagógica. «A ideia era não ferir susceptibilidades e ter respeito pela memória das pessoas e pela sua História. Conseguimos uma igreja moderna e liturgicamente funcional. Foi o que pedi ao arquitecto: uma igreja com o dobro da capacidade, mas com sentido litúrgico e catequético», explicou.

De facto, foram três as preocupações que nortearam a construção: a catequese, a bíblia e a funcionalidade. Ao pensamento do pároco e do Conselho Económico e, por representação, a população, o arquitecto Luís Cunha soube ouvir e pôr em prática toda a sua classe e experiência profissional neste tipo de construção. Uma atitude que surpreendeu o padre, facilitou as decisões e granjeou ainda mais admiração e respeito. «Devo dizer que fiquei totalmente impressionado pela positiva. Porque, sendo um grande artista – basta dizer que é o arquitecto que tem mais igrejas novas em Portugal, além de dezenas de reconstruções – aceitou plenamente as minhas ideias. Tem ideias próprias, tem um estilo próprio, mas conseguimos dialogar e fizemos esta obra», afirmou, em tom elogioso. Segundo o padre Casado, Luís Cunha tinha outras ideias, mesmo em relação aos materiais. «Eu disse: senhor arquitecto, gostaria de um determinado material, para condizer com o antigo. Ele cedeu completamente e disse: eu estou a construir uma igreja para vocês e não para mim. Gostei do diálogo e só tenho de dizer bem do homem».

População acompanhou desenrolar das obras

O primeiro contacto com o arqui-



> O tecto em forma de barco ao contrário, símbolo da barca de Pedro



> Aspecto geral da igreja, com três naves, mas abertas num só corpo

tecto foi em 1994. Fez um desenho que agradou o pároco, que por sua vez exibiu-o aos fiéis. «Aliás, tudo o que fiz mostrei à população. Não avancei com nada sem consultar a população», notou.

As obras começaram no dia 2 de Junho de 1996 em ambiente de festa. Foram três anos e meio de trabalho, sempre acompanhadas pelos fiéis. Nesse período, as actividades paroquiais decorreram na igreja de Nossa Senhora da Guia. De vez em quando, convidava a população a ver o crescimento da sua igreja e gostavam.

«Da estrutura antiga aproveitou-se tudo o que foi possível. A fachada, a capela-mor, o granito das portas, altares laterais, a pequenina talha. Procurámos fazer uma igreja nova, mas encaixada na antiga».

A inauguração aconteceu no dia 1 de Outubro de 2000, ano jubilar. «Foi um dia fantástico. Toda a população, cerca de duas mil pessoas encheram o templo e houve elogios das autoridades civis e reli-

giosas, mormente do senhor Arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga». Como é natural, nem tudo agradou a todos. A antiga igreja tinha muitas imagens, mas a maior parte não tinha valor artístico e decidiu-se por ficar apenas com as mais importantes e com significado. Certas pinturas e mosaicos não são muito usuais nas igrejas, mas com pedagogia, tudo foi aceite. «Hoje sentem-se felizes e orgulhosos da sua igreja e cuidam bem dela.

Questionado se foi uma obra cara, o pároco foi peremptório: «foi cara, custou 252 mil contos [um milhão e 260 mil euros]. Mas foi paga quase a pronto, o que demonstra a ansiedade pelo novo templo».

O padre Casado explica que é uma igreja catequética, litúrgica e bíblica, porque foi à bíblia que foram buscar inspiração para a construção, bem como para a arquitectura de todo o espaço litúrgico. «É catequética, porque as pessoas,



> A solução arquitectónica encontrada foram dois grandes arcos abertos

ao entrarem na igreja, tiram ensinamentos sobre a vida e história da Igreja. Não me interessou estar a fazer figuras apenas por fazer. Tudo o que está feito tem o seu

significado, um sentido de doutrina. Este edifício tem três corpos, que formam um só, lembrando a Santíssima Trindade. É uma sala única para a assembleia».

No altar-mor estão representados mistérios da fé e alianças Deus/homem

Por norma, o altar-mor é o local mais nobre e artisticamente mais rico de uma igreja. A presença do Santíssimo Sacramento implicava um altar maior e superior e talha dourada. Na capela-mor da matriz de Apúlia, se em termos artísticos e até simbólicos, as duas capelas laterais "rivalizam-se" com o altar-mor, em termos litúrgicos e teológicos, a capela-mor assume uma posição de destaque.

É ali que estão representados não só os grandes mistérios da fé cristã, como também as alianças estabelecidas entre Deus e o homem, muitas vezes quebradas pela fraqueza humana.

Retomando a questão da simbologia da Trindade, o sacerdote explicou que os fiéis são colocados num mesmo espaço, embora com uma estrutura trina, as três naves. O tecto também tem o seu simbolismo. É uma barca virada ao contrário.

«Como se sabe, a Igreja é a barca de Pedro. Além disso, estamos à beira-mar e a pesca é uma das actividades mais importantes».

A capela-mor foi pensada como santuário de Deus, com dois serafins, um de cada lado. «Temos um tríptico que nos fala da aliança. A festa da eucaristia é para celebrar a aliança. Como não tínhamos tribuna, pedi ao arquitecto que fizesse um trabalho que nos falasse da festa da aliança. Há a aliança do Antigo e do Novo Testamento. Como símbolo da Aliança do Antigo Testamento temos o arco-íris. É a primeira aliança de Deus com Noé. A nova aliança é Jesus Cristo, em quem encontramos três pontos de aliança: Encarnação, o Calvário e a vitória sobre a morte», explicou.

Outro dos aspectos interessantes no tríptico é o Mistério da Encarnação. Há a apresentação de Jesus no templo e a gruta do nascimento. «Mas S. José e Nossa Senhora estão em cima do túmulo. Jesus nasce, mas já está o túmulo da morte e ressurreição. E no painel da vitória, está em cima do túmulo, mas também está a gruta do nascimento. Toda esta unidade é muito importante», considera o pároco. Referência ainda para o símbolo do Espírito Santo, os antepassados de Cristo, a árvore de David e os reis magos. No centro, o calvário, um Cristo, proveniente da antiga igreja, um mapa de Jerusalém e Nossa Senhora a ser apresentada a S. João. Há que destacar ainda um raio de luz, também desenhado por Luís Cunha.

Do outro lado está Cristo Rei, em veste vermelha. Não aparece o Cristo tradicional de vestes brancas, mas sim o Cristo Rei, que vence os soldados e todo o mal do mundo. Em cima está o Deus Pai. «Todo este simbolismo fala-nos de uma festa da aliança». Ainda na capela-mor, não se pode esquecer as figuras dos quatro evangelistas, que transmitiram as palavras e vivências de Cristo.



> Capela-mor, simbolicamente muito rica



> Painel iconograficamente rico, desenhado por Luís Cunha

Um altar à moda das antigas igrejas

O altar está num patamar mais elevado para dar a entender que o povo está em baixo e Deus em cima. O ambão é algo invulgar mas foi pensado pelas seguintes simbologias: «os nossos primeiros povos que acreditavam em Deus, Abraão e Moisés, o que é que faziam? Juntavam pedras, punham outra por cima e faziam o altar de elevação a Deus. Se reparar, o nosso altar são pedras encasteladas, com uma mesa por cima, para dar o simbolismo do altar dos antigos povos e da mesa da ceia do Senhor. O ambão é a mesa da palavra, mas também do sacrifício. Está virado para o povo e quando as pessoas entram não vêem só o objecto, mas também o livro da palavra», assinala.

Por outro lado, celebra-se a fé e o seu crescimento, pelo que decidiu-se colocar os sacramentos no altar, que são os marcos do crescimento do povo de Deus.

Depois há ainda dois grandes vitrais, da Ascensão de Jesus e a Assunção da Virgem, lembrando a glória, para onde todos os fiéis esperam estar. O sacrário foi mantido. Ainda pensou-se em arranjar uma capela só para ele, dentro da igreja. «Entendi que o seu lugar é onde está».



> Os evangelistas, homens da palavra de Deus, com lugar no alto da capela-mor

Destaque ainda para os pequenos vitrais que, além de beleza e luz, representam a Via Sacra, S. José, símbolo do pai da família sagrada; Nossa Senhora de Fátima, símbolo da grande fé do povo português;

e Coração de Jesus.

À pergunta, será que o povo não se distrai? O padre discorda. «Temos muitos elementos, mas o povo não se distrai. Acho que a igreja precisava disto. Quem não sabe ler a bíblia,

pode fazê-lo através das imagens. É uma tradição antiga desde as igrejas românicas às barrocas. São interessantes para se fazer a catequese. As pessoas precisam desta catequese bíblica», concluiu.

Painéis em mosaico enriqueceram património da igreja de Apúlia

A igreja matriz de Apúlia possui nas suas capelas laterais um conjunto de painéis em mosaico, desenhados pelo arquitecto Luís Cunha e feitos na Ravena, em Itália, que vieram engrandecer, não só o património deste templo, como também enriquecer toda a mensagem catequética que ele pretende transmitir a quem ali entra.

Assim, na capela lateral do lado direito encontra-se o baptistério que, no projecto inicial não era para ser colocado neste local. Segundo o pároco de Apúlia, o arquitecto Luís Cunha idealizou, inicialmente, um baptistério fora da igreja, à maneira do século III e IV, e como se vê em algumas igrejas italianas. Embora fosse «muito bonito», a verdade é que a obra elevava os custos.

Assim, a opção foi colocar o baptistério na capela do lado direito, para quem entra. «Aqui temos um painel alusivo ao baptismo, onde se vê a figura do João Baptista a baptizar Jesus. Também vemos a pomba, símbolo do Espírito Santo», descreve o padre Manuel Casado Neiva. Ao lado, encontra-se um outro painel, também em mosaico, onde está retratado o Pentecostes, ou seja, quando o Espírito Santo desceu em línguas de fogo sobre Nossa Senhora e os Apóstolos. Desta forma, temos nesta capela a representação dos dois grandes sacramentos da iniciação cristã, que são o baptismo e o crisma.

Nesta visita guiada pelos painéis, o pároco de Apúlia chama a atenção para o facto de o baptistério ter sido pensado e concretizado de acordo com a ideia de «Fonte e Água Viva». «Temos uma fonte que jorra água e temos um tanque pequenino para nos lembrar os três ou quatro primeiros séculos, onde o baptismo era em mergulho nas piscinas. Aqui a criança não é mergulhada, mas está ali um tanquezinho com água. A própria fonte baptismal é um repxo de água corrente», afirma. Outro pormenor neste espaço é o facto de, para se entrar no baptistério é necessário subir e depois descer dois degraus. «Isto faz-nos lembrar S. Paulo que nos diz que o baptismo é descer ao túmulo de Cristo e depois ressuscitar, subir para uma vida nova. Tudo isto foi feito com este simbolismo».

A representação da Igreja

Na capela lateral do lado esquerdo, para quem entra, temos um outro conjunto de painéis que representam a Igreja na sua totalidade. Num desses painéis está a Igreja



> Painel que representa a Igreja terrena



> Painel simbolizando a Igreja celeste

da Apúlia. O sargaceiro, o pescador e o camponês. E como Pastor desta Igreja, que não sou eu, mas Jesus Cristo, que tem como seu grande representante na Terra, o Papa, colocámos o Papa João Paulo II, que era o Sumo Pontífice quando esta igreja foi inaugurada. Aqui temos ainda um barco, símbolo da Igreja, que tem a cúpula da igreja de S. Pedro, para simbolizar que esta é uma Igreja universal. Não somos uma ilha, nem uma seita isolada», descreve. Ao lado está o painel da Igreja celeste, inspirado no livro do Apocalipse. «Temos milhares de túnica branca, que branquearam o sangue do Cordeiro. Temos o Livro da Vida, os Sete Selos, o Cordeiro, e os anjos que adoram o Cordeiro. Mas, por baixo temos o mundo, símbolo que foi lá que eles talvez sofreram o sacrifício e martírio, mas hoje estão na glória do céu», salienta o padre Manuel Casado Neiva.

No meio destes dois painéis, acrescenta, também temos aquilo que o sacerdote considera ser a Igreja purgante. «É a imagem de S. Miguel», afirma.

Depois de toda esta obra, o padre Manuel Casado Neiva tem agora um novo sonho que é a construção de um Centro Pastoral que possa servir



> Baptistério da igreja de Apúlia

a catequese, todos os movimentos e grupos da paróquia e as confrarias de Apúlia. Segundo o sacerdote, este equipamento servirá também para albergar um arquivo paroquial e para criar um espaço museológico, onde possa estar patente ao público muitas peças históricas que

pertencem à memória do passado e que não podem ser destruídas nem simplesmente armazenadas.

«Nós temos um Centro Social grande, que foi construído nos anos 60, que é um salão e quatro ou cinco salas e, isso não me chega para a dinâmica paroquial que temos», afir-

ma. Por isso, a construção do Centro Pastoral seria muito benéfico para a paróquia. «O problema é o terreno, que não temos neste momento. Vamos ver se o Espírito Santo e S. Miguel nos ajudam. É um sonho. Mas o povo também está consciente de que necessita desta obra», realça.



Na capela lateral, entre o painel da Igreja terrena e a Igreja celeste está a imagem de S. Miguel, padroeiro de Apúlia. Esta é uma representação do Arcanjo muito particular e data do início do século XX.



No baptistério foi colocado um painel, desenhado pelo arquitecto Luís Cunha, que representa a descida do Espírito Santo em línguas de fogo sobre Nossa Senhora e os Apóstolos, para lembrar aos fiéis o sacramento do Crisma.



No baptistério da igreja de Apúlia foi colocada a taça da pia baptismal primitiva. Esta peça, que estava num muro, foi encontrada por um mero acaso e o pároco decidiu colocá-la dentro do templo.



No altar-mor, mesmo por baixo do Sacrário, está um painel de azulejos da Casa Esperança, com a reprodução do quadro "Última Ceia", de Leonardo da Vinci. Este painel veio da antiga igreja.



Na última construção da igreja de Apúlia foi mantida a fachada. Contudo, foi edificada uma nova torre sineira que ostenta no seu topo uma balança, um dos símbolos relacionados com o padroeiro S. Miguel.



À entrada da igreja de Apúlia foi colocada a placa que assinalou a inauguração do templo anterior e que foi benzedo a 18 de Agosto de 1945, pelo Arcebispo de Braga, D. António Bento Martins Júnior.